



Disciplinas de textualidade na Linguística Integral de Eugenio Coseriu: Análise de texto, Linguística (geral) do texto, Teoria do texto¹

Disciplines of Textuality in Eugenio Coseriu's Integral Linguistics: Text Analysis, (General) Text Linguistics, Text Theory

Emma Tămâianu-Morita
Kindai University-Osaka, Japan

1. Nesta apresentação, gostaria de discutir e ilustrar as disciplinas que focalizam o estudo do discurso/texto no âmbito da Linguística Integral de Eugenio Coseriu. O plano será composto basicamente por três partes. Começo com uma breve retomada da proposta de abordagem integral da linguagem como uma atividade cultural, proposta a partir da década de 1950, com um lugar especial para o texto/discurso, ou, mais precisamente, o nível da Linguística do texto como uma hermenêutica do sentido. Na segunda parte, farei uma aplicação e uma ilustração, em um pequeno poema, das considerações teóricas desenvolvidas na primeira parte. E, finalmente, na terceira parte, voltarei a algumas considerações teóricas, levando em conta tudo o que foi discutido.

1.1. Todos nós estamos bem familiarizados com o esquema de todas as formas e níveis da linguagem, da fala como uma atividade cultural, com os três níveis (universal, histórico e individual), e as três formas ou perspectivas a partir das quais essa atividade pode ser

¹ Conferência proferida, em inglês, na *Jornada de Estudo A Linguística de Eugenio Coseriu*, que ocorreu no dia 26 de novembro de 2021, promovida pelo Departamento de Letras e pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Tradutores: Clemliton Lopes Pinheiro (UFRN) e Sílvia Luis da Silva (UFPB).

estudada: como uma atividade em si mesma, como conhecimento subjacente a essa atividade ou competência, e como produto resultante dessa atividade. Nesse quadro muito conhecido, eu também adicionei, na coluna mais à direita, os tipos de significado específicos para cada nível e os tipos de avaliação do discurso, em cada nível².

Ponto de vista Nível	Atividade <i>Enérgeia</i>	Conhecimento (competência) <i>Dynamis</i>	Produto <i>Ergon</i>	Tipos de significado e avaliação
1. Universal Falar em geral (atividade universal-humana)	Falar em geral	Elocucional	Empiricamente infinita totalidade dos enunciados	Designação (congruência)
2. Histórico Línguas particulares (tradições idiomáticas)	Língua concreta	Idiomático	[Língua abstrata]	Significação (correção)
3. Individual Discurso/texto (falar individual)	Discurso	Expressivo	Texto	Sentido (adequação)

Tabela 1: O modelo de Coseriu dos níveis e formas da fala como uma atividade cultural

Quando nos referimos ao texto/discurso, estamos principalmente interessados no nível 2, o nível histórico das línguas particulares, e no nível 3, o nível do discurso ou texto como uma atividade individual. Digo isso, porque sabe-se muito bem que em cada língua particular pode haver um nível de estruturação relacionado às funções textuais. Assim, na Linguística Integral, existem dois tipos diferentes de linguística textual: uma focada no nível 2, que concebe o texto como uma possível camada estrutural de uma língua particular (o último nível das camadas de estruturação gramatical de uma língua: monema – palavra – cláusula – frase – texto); e uma focada no nível 3, que é o texto/discurso, com seu próprio tipo de significado, conteúdo e avaliações, e, claro, competência.

² Para o esquema dado (Tabela 1), ver COSERIU, 1962 [1955-1956], pp. 285-287, bem como as sistematizações em COSERIU, 1973/1981, capítulo X, e 1988, pp. 59, 70-75 (com a tabela na p. 75). Para as avaliações da fala em cada nível, ver especialmente COSERIU, 1981, pp. 41-43; para a subcategorização dos julgamentos de adequação (*Angemessenheit*), o valor específico do nível do discurso, ver também COSERIU, 1988, pp. 179-181. LOUREDA LAMAS (2007) propõe um desenvolvimento do modelo triádico ao nível do texto/discurso. Uma discussão relevante sobre a relação entre níveis pode ser encontrada em LÓPEZ SERENA (2012).

Texto, no nível 2, é o que, em outros tipos de orientações, se estuda como linguística transfrástica, mas insisto que não estamos lidando apenas com elementos transfrásticos, nesse caso, mas também com elementos lexicais, que são orientados para determinadas funções textuais (cf. COSERIU, 1978 [1976], pp. 2010-211; 1981, p. 12; 1984, pp. 7-8; 1988, pp. 168-169). Há, no caso, duas disciplinas radicalmente diferentes, embora, na realidade, relacionadas e inseparáveis. Uma Linguística do texto como estudo da camada estrutural de cada língua particular, se existe como tal, e a Linguística do texto como hermenêutica do sentido.

1.2. Para dar apenas um exemplo, tomemos uma unidade lexical do inglês: a palavra *well* (bem). Na descrição lexical da língua inglesa, há seu significante e seu significado, descritos de várias maneiras estruturais, mas haverá, também na língua inglesa, uma determinação suplementar desse significado, que pode cumprir uma função textual específica. Isso quer dizer que, seja como preenchimento ou como marcador de discurso, em um discurso real, quando alguém quer retomar um determinado tópico que foi falado antes, pode usá-lo como um marcador de discurso.

Assim, quando aprendemos a língua inglesa, aprendemos esse trabalho não só com o seu significado como tal, mas também com a determinação suplementar, como orientação para uma determinada função textual ou função do discurso. E ainda estamos no nível 2 do texto, no nível da língua histórica, uma espécie de lexicologia textual no sentido coseriano.

Se quisermos dar outro exemplo, novamente da língua inglesa, digamos que, quando aprendemos inglês, aprendemos as unidades lexicais *good* (bom) e *day* (dia) e aprendemos uma regra de combinação, uma regra sintática para fazer uma pequena construção: *good day* (bom dia). No entanto essa pequena construção tem também uma determinação suplementar para poder cumprir a função de saudação, usada em uma determinada hora do dia: o período da tarde.

Ainda não estamos no nível do texto, mas ainda no nível da língua inglesa, porque a descrição da língua deve conter não apenas uma descrição puramente estrutural do nível do sistema e do tipo de língua, mas também uma conexão com as várias normas de uso. Trata-se, mais especificamente, do que Coseriu (1994, p. 60-61) chama de gramática e lexicologia 'do uso da língua' (*Grammatik der Sprachverwendung*), ou seja, a orientação que as diferentes

unidades idiomáticas e combinação de unidades podem ter para cumprir funções textuais específicas. Assim, *good day* (bom dia) está orientada para o cumprimento da função de saudação, usada na parte da tarde.

No entanto, se formos para o nível do discurso, do texto, nível 3, como um nível autônomo de construção de sentido, poderíamos levar em conta o que acontece com essa forma de saudação em textos reais. Deixem-me dar um exemplo muito extremo nas tragédias de Shakespeare. Nesse texto literário, essa saudação, usada por vários personagens, tem uma função, que poderia ser descrita assim: uma premonição ou previsão de um evento trágico que se anuncia. Então, vamos ver nas peças de Shakespeare uma função do discurso que está de alguma forma em contradição ou suspende a função normal dessa saudação no discurso cotidiano. Assim, se estamos nos referindo a esse texto de Shakespeare em seu funcionamento particular, estamos fazendo linguística do nível 3, a hermenêutica do sentido.

2. A gramática e a lexicologia textual e a hermenêutica do sentido distinguem-se por seu objeto de estudo. Aqui, nosso foco e nosso interesse são apenas a segunda. Portanto, quero descrever e discutir as três disciplinas de textualidade dentro de Linguística do texto como uma hermenêutica do sentido, e veremos que elas serão distinguidas pelo nível epistêmico.

2.1. Na Linguística do texto propriamente dita, a linguística do nível 3, o ponto de partida é sempre a ideia de que o texto é mais do que a soma das suas partes, ou, tecnicamente falando, a dupla relação semiótica no texto e a articulação dos conjuntos de sentidos do texto. Há um esquema (Figura 1), que todos vocês conhecem do livro de Coseriu sobre *Linguística do texto* (1981) cuja simplicidade pode ser enganosa.

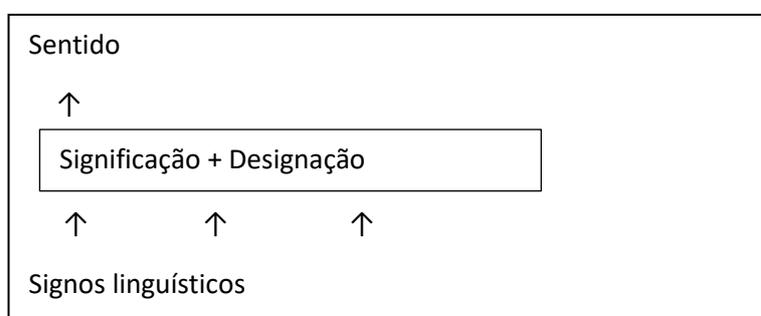


Figura 1: A dupla relação semiótica nos textos (COSERIU, 1981, p. 48)

Os signos usados em um texto com sua significação e designação tornam-se a expressão de um tipo diferente de significado, que aparece apenas no texto, que é o sentido dos textos. Eu digo simplicidade enganosa, porque, em primeiro lugar, não se trata realmente apenas de signos linguísticos. Qualquer tipo de signos pode ser usado no texto. Portanto, se há textos multimodais que são textos semióticos plurais, que combinam a linguagem verbal e outros sistemas semióticos, signos visuais etc, então há todos os tipos de signos com sua significação e designação, às vezes apenas com sua designação, além de sistemas mais simples, que se tornam a expressão do sentido textual.

É importante, aqui, levar em conta não o valor nominal desse esquema, mas a maneira como um mecanismo de construção de sentido. Por isso, em algumas publicações anteriores (TĂMĂIANU[-MORITA], 2001, 2012a, 2012b, 2014), eu o reformulei mais precisamente como um mecanismo de construção de sentido em que há o significante textual, que se denomina "*Textkonstitution*", constituição textual (também podemos usar o mesmo termo em inglês, '*textual constitution*'), um tipo específico de expressão que opera com elementos já dotados de significado do nível no qual se originam (Figura 2).

Se são unidades linguísticas, então possuem seus próprios significados e designações nas línguas de onde vêm, e se tornam a expressão de um tipo de conteúdo de um nível superior e de natureza diferente, que é o sentido textual. A ideia chave é a de que os elementos de constituição textual já são dotados de significado no nível de onde se originam.

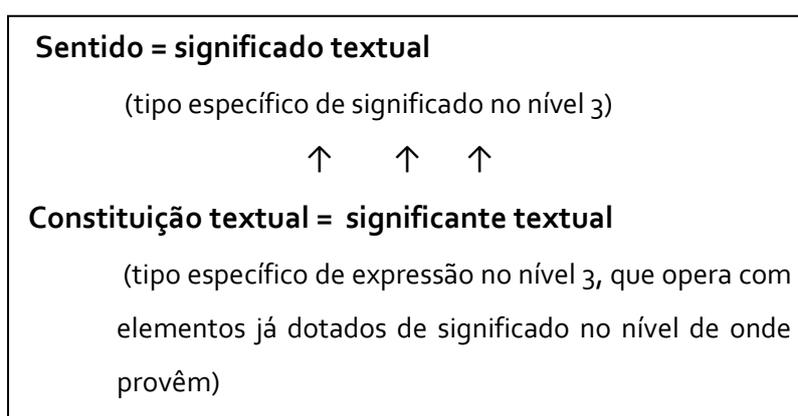


Figura 2: A dupla relação semiótica como um mecanismo semiótico de construção de sentido

2.2. Aqui, tendo dito tudo isso, vamos parar por um momento. Fazer uma pausa nessas considerações teóricas e irmos diretamente para o exemplo que eu quero dar. Vou usar um poema curto, um texto literário. Vamos refletir sobre o sentido do texto a seguir:

<i>And the days are not full enough</i>	(E os dias não são suficientemente plenos)
<i>And the nights are not full enough</i>	(E as noites não são suficientemente plenas)
<i>And life slips by like a field mouse</i>	(E a vida passa como um rato do campo)
<i>Not shaking the grass.</i>	(Sem balançar a grama.)

Como aplicamos aqui a ideia da dupla articulação semiótica dos textos? Vamos lembrar de nossos dias de escola, do professor de língua ou de literatura que perguntava: “o que o autor quer expressar, o que o autor quer dizer nesse poema”? Tenho certeza que alguns/algumas, ou talvez alguns/algumas de nosso(a)s colegas, não sendo capaz de responder a essa pergunta, apenas dizem, irritado(a)s, “posso entender o que as palavras dizem, mas não tenho ideia do que tudo isso significa”.

Se um(a) aluno(a) responde dessa forma, isso significa que ele/ela pode compreender e decodificar as unidades da língua, nesse caso, o inglês, o nível 2, o nível da língua particular, mas não pode conectá-los a um nível superior de sentido, não pode transformá-los em expressão ou um sentido superior, não pode dar o salto em direção à dimensão superior, que é representada pelo nível 3 com seu valor específico: o sentido.

É claro que o princípio da dupla relação semiótica no nível 3 implica isso. Esse poema não é um texto sobre dias e noites ou sobre a vida e ratos do campo que correm na grama. É um texto que usa todos esses elementos e muitos outros elementos, que não são visíveis na superfície, como um meio de expressão, para dizer algo sobre outra coisa, para criar e transmitir sentido sobre algo outra coisa, e essa outra coisa, às vezes, pode ser muito diferente das próprias unidades da própria expressão textual.

Especialmente em textos poéticos (em textos criativos, como textos literários) o salto entre a constituição textual e o sentido textual será muito maior do que na comunicação cotidiana.

As pessoas, de fato, tentam pensar sobre o verdadeiro sentido dos textos. Voltando ao meu exemplo, se fizermos uma breve pesquisa na Internet para ver o que as pessoas respondem, o que as pessoas pensam sobre o sentido desse texto, talvez pessoas comuns, aluno(a)s, leigo(a)s, amantes da poesia que não conhecemos, pessoas anônimas na Internet.

Alguns/algumas dizem que o sentido do poema são os transeuntes da vida humana, ou a lamentação por não ter tido tempo suficiente para realizar todos os seus sonhos ou um aviso para viver plenamente cada momento, porque senão se morrerá e não se deixará rastros etc., etc. E cada um/uma pode adicionar sua própria impressão. Mas isso é tudo: uma impressão.

2.3. O que tentamos encontrar na Linguística do texto é na verdade outra coisa, e nossa questão de estudo é muito mais difícil. Na Linguística do texto como uma hermenêutica do sentido, não perguntamos "o que?", mas perguntamos "como?". Perguntamos de que forma os textos são construídos, a fim de transmitir o sentido que têm, e como os sentidos são criados. Especificamente, "o que" é tomado como um ponto de partida: o que eu chamei de impressão de sentido. Na verdade, a intuição do sentido, o que cada um/uma diz ao ser confrontado com esse assunto. Então essa intuição é justificada, ou seja, remonta a unidades e procedimentos de expressão que a tornam possível.

Nesse processo, as próprias unidades de sentido também são identificadas de forma mais precisa, e sua articulação, ou seja, sua organização multidimensional, é explicitada. Por essa razão, tenho defendido em algumas de minhas publicações anteriores (TĂMĂIANU-MORITA, 2012b, 2014) que a Linguística do texto como uma linguística do sentido, na perspectiva coseriana, é, na verdade, uma linguística e uma semiótica da expressão textual, da constituição textual.

A dupla articulação semiótica no texto não é uma ideia nova³, e é relativamente fácil de entender intuitivamente, como eu tentei mostrar com meu exemplo e o pedido de lembrar dos tempos de aluno(a)s na escola. É fácil de entender, especialmente para textos poéticos, mas Coseriu afirma que esse princípio é válido para todos os textos.

A única razão para ilustrar isso com textos literários ou poéticos ou mais criativos é a de que, nesses textos, todos os fenômenos que procuramos são mais pungentes, mais facilmente observáveis. Portanto, esse é outro elemento de originalidade, na proposta de construção da linguística do sentido. Abordamos os textos desde um nível máximo e descemos para um nível mínimo, ou seja, encontramos textos onde uma atualização máxima de todos os dispositivos de construção de sentido pode ser identificada (textos criativos). Em

³ Em TĂMĂIANU-MORITA (2016) examinei a história desse princípio e efetuei uma comparação entre a perspectiva de Coseriu e algumas outras orientações linguísticas a esse respeito.

consequência, em textos mais próximos da comunicação factual do dia a dia, encontraremos formas simplificadas para as efetivas atualizações dessas funções, ou as suas desatualizações (cf. COSERIU, 1977 [1971] e 1981, p. 110-111).

2.4. O que podemos dizer sobre as unidades constitutivas desse texto, desse exemplo? Vamos tentar explorar a constituição do texto com mais detalhes. Veremos os elementos que pertencem ao nível da expressão textual, especialmente procedimentos ou dispositivos que compõem textos, as quais são diferentes das unidades de construção de estruturas das línguas particulares que compõem o texto, do nível 2.

Podemos dizer muitas coisas relacionadas às unidades do inglês encontradas nesse texto. Por exemplo, podemos ver que os nomes *dia* (day) e *noite* (night) estão articulados, e *dia* (day) e *noite* (night) juntos significam ou cobrem toda a duração da vida de uma pessoa. Isso se dá pela organização dos campos lexicais e é enfatizado pela simetria gramatical dos versos. Provavelmente, *dia* (day), *noite* (night) e *vida* (life) são alguma coisa relacionada ao eu poético que fala nesse texto, o locutor desse texto, porque isso seria sugerido pela função dos artigos definidos.

Também podemos notar que o texto quebra as regras gramaticais. A construção sistêmica seria «A e B» para a conjunção *e* (and), é um erro iniciar uma frase assim. Mais especificamente, em termos coserianos, diríamos que o texto suspende uma instância de incorreção, ou seja, o texto se apresenta uma vez dessa forma com o uso de uma incorreção.

A *grama*, em *não mexer a grama* (Not shaking the grass), também se articula com um artigo definido, o que é um pouco surpreendente. Faz-nos questionar de que grama se trata. Como se articula com um artigo definido, parece que é algo já especificado e conhecido.

Na Linguística do texto como hermenêutica do sentido, partimos dessas etapas preliminares de análise das unidades pré-textuais, nesse caso, unidades linguísticas. E, já nesse nível, podemos notar algo estranho. Obviamente, há algo faltando antes do fim, antes dessa construção (o que Coseriu [1987b] chamada de 'lacuna de expressão'), e alguns outros elementos pouco esperados: comparação com um rato de campo traz uma conotação positiva ou negativa à passagem da vida? A resposta a essa pergunta terá muita influência sobre a maneira como percebemos a atmosfera do texto e, conseqüentemente, o sentido do texto.

E por que *a grama* (the grass), em particular? Por que o texto escolhe isso, essa comparação? Para responder a essas perguntas desconcertantes, temos que ir ao texto genuíno, ao texto real ou autêntico, porque esse é o objeto de estudo na Linguística do texto integral, não ao texto como um esquema abstrato ou como uma construção parcial, mas o texto genuíno.

2.5. Dessa forma, podemos olhar para alguns de seus contextos. Veremos que podemos encontrá-lo em uma pequena antologia de poemas (*Poems of Lustra – Poemas de Lustra* - de Ezra Pound), como uma espécie de mote, antes de começarem os outros poemas. Mesmo que saibamos disso, outro elemento muito desconcertante forma o estilo desse poema, que é muito direto e declarativo, simples. Os elementos coesivos lexicais e gramaticais podem ser facilmente reconhecidos, ou a lacuna antes do final contém uma comparação explícita, o que parece bastante atípico para Ezra Pound, que geralmente é mais hermético ou usa incompatibilidades lexicais marcantes e rupturas sintáticas.

Portanto, deve haver mais coisas no texto do que se pode ver. As pistas que temos são precisamente as unidades lexicais *dia* (day) *noite* (night) e *grama* (grass). Podemos dizer que essas são palavras-chave nesse poema muito curto, porque elas conectam, evocam temas-chave de outro poeta americano, que, tenho certeza de que aqueles(as) familiarizado(a)s com a literatura americana reconhecem imediatamente: *Leaves of Grass (Folhas de Relva)* de Walt Whitman.

De fato, na coleção de poemas de Ezra Pound (esses poemas foram escritos no início do século X), podemos encontrar outro poema, mais famoso, que confirma a conexão, a evocação de *Leaves of Grass (Folhas de Relva)* de Walt Whitman. Citarei, aqui, um fragmento do poema *A pact (Um pacto)*.

<i>I make a pact with you, Walt Whitman,</i>	(Eu faço um pacto com você, Walt Whitman)
<i>I have detested you long enough [...]</i>	(Eu já detestei você por tempo suficiente [...])
<i>I am old enough now to make friends.</i>	(Já sou velho o suficiente para ser seu amigo.)
<i>It was you that broke the new wood,</i>	(Você quebrou a madeira nova,)
<i>Now it is a time for carving.</i>	(Agora é hora de esculpir.)

Nesse poema da mesma coleção, Ezra Pound, especificamente, indicou seu diálogo com Walt Whitman: primeiro, um diálogo de contrastes ou contradições e, finalmente, um diálogo de reconciliação com seu predecessor muito mais famoso. Assim, ao mesmo tempo,

a pequena coleção de poemas de 1913 a 1915 é tanto uma homenagem a Walt Whitman quanto uma despedida, um testemunho, uma declaração de Ezra Pound que pensa que vai começar a construir um novo estilo poético, uma nova linguagem poética, partindo de Walt Whitman.

Com isso em mente, vamos voltar ao nosso poema: *dia* (day), *noite* (night) e *grama* (grass) são temas de Whitman, ou mais precisamente, no poema de Ezra Pound, evocam o que Coseriu chama de 'contexto temático'. No entanto, isso não é suficiente no nosso estudo ou exploração das unidades de constituição textual. Devemos identificar as conexões concretas, a concreta relação evocativa. Há vários poemas de Whitman que podem ser levados em conta, mas acho que um dos mais relevantes é um poema intitulado *Night on the prairies* (*Noite nas pradarias*), que é construído exatamente sobre esses dois elementos em oposição (*dia* e *noite*), que contém as seguintes linhas:

I was thinking the day most splendid till I saw what the not-day exhibited,
(Eu estava pensando no dia mais esplêndido até que vi o que o não-dia exibiu,)

I was thinking this globe enough till there sprang out so noiseless around me myriads of other globes.
(Eu estava pensando que este globo é suficiente até que surgiu tão silencioso ao meu redor uma miríade de outros globos.)

No poema de Whitman *Noite nas pradarias*, o eu poético, no final do dia, durante a noite, perto do fogo nas pradarias, está pensando, refletindo sobre o sentido da vida. Ele está, no momento, no fim da vida, enfrentando isso e descobrindo que existe uma outra dimensão que, nesse texto, o eu poético chama de *o não-dia* (the not-day).

Essa relação evocativa com *Folhas de Relva* de Whitman traz junto o seguinte elemento de sentido, de significado. No poema de Whitman, *dia* (day) e *noite* (night) se referem aos intervalos de duração física que estão associados, de fato, à vida humana, à vida do indivíduo empírico. No entanto, uma nova oposição textual é criada por uma unidade inovadora que não existe na língua inglesa, e que só existe nos textos de Whitman, que é a unidade *o não-dia* (the not-day), uma duração misteriosa que não é vida humana, que não é tempo humano, que transcende tanto à vida humana quanto à morte, e é coextensiva com a eternidade do universo. Trata-se, portanto, de uma organização lexical muito diferente do sistema lexical próprio da língua inglesa.

No poema de Whitman, há uma porta de acesso a essa dimensão misteriosa, o *não-dia* (the not-day), e essa porta é a arte. Nesse caso, esse poema e toda a coleção de poemas *Folhas de relva* são um legado deixado pelo eu poético para a eternidade, para todas as gerações que virão depois dele. A porta de acesso a essa dimensão é o poeta se desvanecendo na própria obra poética. É exatamente isso que as unidades *dia* (day), *noite* (night) e *vida* (life), por essa evocação intertextual a Whitman, trazem para o curto poema de Ezra Pound.

Nos outros textos da antologia de Pound, outras frases de Whitman, *essas canções* (these songs) ou às vezes *minhas canções* (my songs) são repetidas com frequência. É outra evocação intertextual de Whitman. Então, entendemos que a escolha da unidade *grama* (grass) para a composição da comparação não é aleatória, mas é necessária como mais uma referência direta, que é a evocação intertextual à *grama* (grass) de Walt Whitman.

Agora, projetemos isso de volta para o poema de Ezra Pound. Podemos ver que o movimento da vida como um rato que não mexe a grama é também um confronto pessoal da própria obra poética de Ezra Pound em andamento, sua própria obra poética não pode abalar a “grama” da obra de arte eterna e sólida de Walt Whitman. Assim, se tentarmos objetivar o sentido do poema, temos que dizer que além da insuficiência dos dias e noites nas aflições do poeta, há o *não-dia* (the not-day) de Walt Whitman, isto é, a duração impessoal, eterna, completa e autossuficiente além da vida humana.

O poema de Ezra Pound trata sobre isso. Portanto, o sentido dominante no poema de Ezra Pound não é uma lamentação sobre a transitoriedade e mesquinhas da vida humana, muito pelo contrário, é a promessa reconfortante de redenção e salvação que devem ser conquistadas por meio da arte. Ou talvez a aspiração de transcender a vida e a morte pela arte.

2.6. Que tipo de observações pode ser tiradas dessas breves análises? Podemos ver que a articulação do sentido vai além dos limites formais do texto individual. Não apenas o contexto, mais ainda do que também pegar o contexto. Para dar apenas um exemplo, dissemos, no início da análise, que se trata de uma espécie de “mote” colocado na primeira página da antologia *Poemas de Lustra*). Um “mote” é uma tradição discursiva. Sabemos que essa tradição discursiva tem a função de dar o tom e anunciar os temas de uma forma que também sintetiza o sentido de todo o volume. No entanto, essa tradição discursiva do “mote”

também se torna um elemento de expressão textual, é uma retomada que dá mais uma função suplementar no poema de Ezra Pound.

Em outra publicação (TĂMĂIANU-MORITA, 2017, com base numa ideia proposta anteriormente em VLAD & TĂMĂIANU, 1990), chamei isso de 'função de modulação', pela associação com o processo físico de modulação de uma onda de transmissão de sinal, isto é, o "mote" estabelece uma onda de sinal, uma voz subjacente à qual os outros textos da antologia serão incorporados, e que servirá para determinar o sentido desses textos. A essa voz subjacente, a de Whitman, o maravilhoso predecessor, a voz de Ezra Pound será sobreposta, às vezes modernista, às vezes hermética, às vezes vanguardista, que leva para um estilo diferente. Nesse sentido, o poema "mote" anuncia tanto a homenagem a Whitman quanto o adeus ao seu estilo poético.

Se quisermos resumir isso em uma frase, 'o como' desse texto, podemos encontrar um princípio abrangente que justifica todos esses pequenos procedimentos de constituição textual e as unidades de sentido que podem ser associadas a ele no pequeno poema de Ezra Pound. Esse princípio é «construir o poema como um sinal modulador na voz poética de Whitman», o que explica o tom declarativo, o paralelismo sintático simples e a comparação explícita, que são todos elementos do estilo de Whitman.

3. Tendo chegado até aqui, podemos dizer que análises desse tipo são necessárias e úteis para identificar uma variedade de unidades, procedimentos ou estratégias de constituição do texto. É necessário, claro, fazer uma descrição mais sistemática, ou, pelo menos, uma lista organizada, que permanecerá aberta, uma lista de unidades de constituição textual, procedimentos ou dispositivos e estratégias.

3.1. Com base nas considerações teóricas de Coseriu, na própria análise textual de Coseriu e no meu próprio trabalho, eu sistematizei e propus a seguinte lista aberta de unidades e procedimentos (TĂMĂIANU-MORITA, 2001, p. 40-41, 124-133; 2002, p. 126-150; 2012b, 2014):

Unidades:

- a) signos linguísticos, que abrangem todos os níveis da organização linguística de uma língua e compreendem os cinco tipos de *significata*, com a constelação de todas as suas relações na língua em questão;
- b) meios tradicionais de realização de funções textuais específicas (por exemplo, fórmulas para o início e fim de determinados gêneros de texto);
- (c) textos ou fragmentos de textos anteriores, retomados como tal e utilizados como matéria-prima para a constituição de um novo texto /.../

Procedimentos (operações, estratégias)

- a) relações semióticas evocativas;
- b) funções textuais, incluindo funções metafóricas;
- c) formas de suspensão da incongruência e da incorreção pela adequação;
- d) lacunas de expressão (em alemão *Ausdruckslücke*) /.../

Eu enfatizaria que as unidades textuais são aqueles blocos de construção de texto que são retirados de outros níveis. Por exemplo, os signos idiomáticos *day, night, life* que apareceram na nossa pequena ilustração no poema de Ezra Pound: palavras ou construções gramaticais, que abrangem tudo em torno de toda a organização idiomática, todos os tipos de *significata* com a constelação de suas relações em uma língua particular. Não apenas isso, mas também há maneiras tradicionais de cumprir funções textuais específicas, como eu estava dizendo no começo da apresentação, fórmulas de cumprimentos ou fórmulas de início e fim de alguns gêneros textuais etc., que existem antes da criação do novo texto e podem ser retomados a fim de constituir um texto novo. Também há fragmentos de textos anteriores, longos ou curtos, que podem ser retomados e são utilizados como matéria-prima para a constituição de um novo texto. E, aqui, claro, esses são exemplos ou casos de unidades linguísticas. Aqui devemos também acrescentar as unidades correspondentes em outros sistemas semióticos ou outros sistemas de signos.

Elementos como essas unidades são retomados e algo acontece com eles: a eles são aplicados procedimentos, operações, estratégias que aparecem apenas no nível textual. No trabalho de Coseriu, encontramos uma grande variedade do que pode ser considerado especificamente procedimentos textuais. Na minha sistematização as primeiras destas são

as relações sígnicas evocativas (cf. COSERIU 1977 [1971], p. 201-202; 1981, p. 68-101; 1987a, p. 25-29). Aqui incluímos a evocação de contextos, todos os tipos de contexto e mais do que os contextos, todos os chamados 'entornos' (COSERIU 1962 [1955-1956]).

No entanto, essas não são as únicas estratégias textuais específicas para construir sentido e para expressar sentido. Também há outras funções textuais, como as funções metafóricas, que não discuti em pormenor, porque elas não aparecem em nosso exemplo. Além disso, há formas de suspender incongruência e incorreções. Vimos, em nosso exemplo, um modo específico de suspender a incorreção no uso gramatical da conjunção *e* (and). Essa incorreção suspensa é percebida como incorreção no nível da língua inglesa, mas é intencional, usada ativamente com a finalidade de criar sentido. Também há as chamadas "lacunas de expressão" como também ocorreu naquele pequeno exemplo, e, pelo menos aqui, continua aberta. Mais e mais análises em textos mais carregados trarão novos elementos ou subclassificações desses procedimentos básicos.

3.2. Lembremos o esquema da dupla relação semiótica como um mecanismo de construção de sentido (Figura 3). O que listei como 'unidades pré-textuais' ou blocos de construção textual estão, aqui, precisamente no nível do significante textual, e o que eu chamo de 'procedimentos' ou operações/estratégias poderiam ser situados, no esquema a seguir, no nível das setas. Eles são os padrões dinâmicos, estratégias que são aplicadas às unidades a fim de levantá-los e transformá-los em elementos de expressão para o sentido do texto.

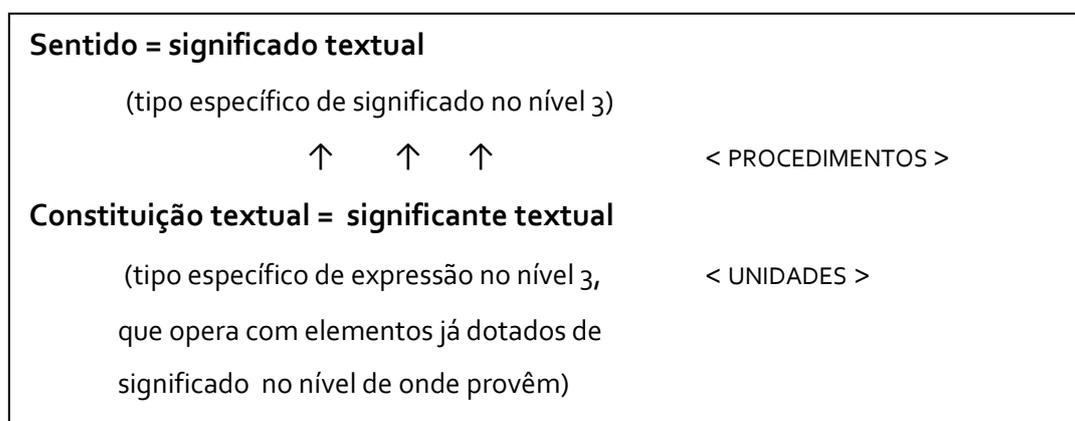


Figura 3: Unidades e procedimentos textuais no mecanismo de construção de sentido

4. Durante toda essa apresentação e discussão, nós estamos fazendo três coisas ao mesmo tempo. Estamos fazendo análise de texto nesse poema individual, tentando encontrar unidades de constituição textual e unidades de sentido e como elas se relacionam, nesse poema específico. Ao fazer isso, encontramos dispositivos que são de maior relevância. Eles podem ser conectados a certos tipos de texto e gêneros como a tradição discursiva do “mote” e assim por diante. Isso é um nível mais alto em termos epistemológicos que é chamado de Linguística de texto como tal. No entanto, ao discutir isso, também levamos em consideração a diferença, a distinção entre o nível 3 e o nível 2, e com isso também fizemos o que pode ser chamado, em um quadro específico, de Linguística geral de texto e Teoria do texto. Deixe-me explicar as diferenças entre esses três níveis epistemológicos.

4.1. Essa proposta é baseada em uma analogia ao que é discutido com mais detalhes no trabalho de Coseriu: os níveis epistemológicos de análise gramatical, 3 diferentes disciplinas para gramática, situadas em diferentes níveis de profundidade ou determinação, que são, como se pode verificar na Tabela 2:

Níveis do falar	Disciplinas gramaticais	Disciplinas de textualidade
Nível I (universal)	Teoria da gramática e Gramática geral	Teoria do texto/discurso e Linguística geral do texto
Nível II (histórico)	Gramática (descritiva) de uma língua	Linguística do texto
Nível III (individual)	Análise gramatical	Análise do texto

Tabela 2: Disciplinas gramaticais e disciplinas de textualidade distinguidas pelo nível epistémico

Aqui podemos notar que esses três níveis (1, 2 e 3) são os mesmos níveis que são apresentados no conhecimento específico do próprio falante. São os níveis sobre os quais podemos organizar a competência linguística, e, ao mesmo tempo, são níveis para os estudos da competência linguística em cada domínio, em cada subcampo.

Mais precisamente, para as disciplinas de gramática, Coseriu (1962 [1955-1956], p. 319; 1973/1981, p. 244-245; 1981, p. 113-114) as diferencia da seguinte forma. Teoria

gramatical e gramática geral dizem respeito à definição das bases e justificativa da dissociação do nível idiomático, o nível de uma língua particular à qual cada gramática pertence. Depois de estabelecer essa base na teoria gramatical, a Gramática geral tentará identificar as funções gramaticais, as categorias semânticas como formas semânticas do falar em geral.

Em segundo lugar, essas funções e categorias podem ser encontradas em diferentes formas de realização em cada língua, às vezes não presentes ou presentes em diferentes tipos de organização em cada língua. Então, a Gramática de uma língua como uma disciplina descritiva vai tentar encontrar essas funções e categorias em suas formas específicas de expressão em cada língua diferente como o falar histórico, tradicional. No entanto, tudo isso é baseado em análise gramatical, que é a forma da análise semântica dessas funções e categorias na forma como aparecem, como se manifestam em textos genuínos. Então, o estudo da gramática, na verdade, vai desde a análise gramatical à descrição gramatical de uma língua, e até a teoria e gramática geral. Seguindo esses passos, ao mesmo tempo, tenta-se identificar as categorias da gramática geral na gramática de cada língua e ver se elas são validadas pela análise gramatical real.

4.2. Por analogia, podemos também definir três diferentes disciplinas de textualidade, começando pela mais geral que pode ser chamada de Teoria do discurso ou do texto e Linguística geral do texto.

A Teoria do discurso vai estabelecer o lugar, o *locus*, do discurso na totalidade do falar e vai estabelecer a fundamentação teórica da autonomia do nível 3, o nível do texto/discurso e, com base nisso, a Linguística geral do texto vai tentar identificar e definir os possíveis procedimentos de construção de sentido, distinguindo-os, separando-os dos procedimentos dos outros níveis, como os procedimentos idiomáticos ou elocucionais.

A Linguística de texto, em um nível mais baixo ou mais determinado, mais concreto, mais específico, vai se preocupar em descrever e interpretar a história de vários textos ou vários tipos de texto, gêneros, tradições discursivas. Ela vai categorizar os grupos de procedimentos de construção de sentido, estratégias, nas suas conexões com essas tradições textuais. No entanto, a base para tudo isso é a Análise de texto que descreve e interpreta a

construção e a articulação do sentido em textos genuínos, na sua singularidade e na sua constituição integral⁴.

Eu diria, nesse sentido, que Coseriu, no seu grande desenho para uma Linguística de texto integral, na verdade, restaura a seriedade e o poder da análise de texto, o que não é apenas um instrumento a serviço das disciplinas mais teóricas, mas é a fundação das disciplinas teóricas. Sem a análise de texto, os outros níveis superiores não podem ser construídos de maneira coerente, e a análise de texto, nessa definição, é o ponto de partida e o objetivo final da Linguística de texto e da Linguística geral de texto e da Teoria do discurso. O que está em jogo nesse grande projeto de Linguística de texto integral é a construção de sentido em textos reais, em textos genuínos.

5. À guisa de conclusão, vou destacar algumas ideias, resumindo o que postulamos até aqui. Na Linguística de texto integral, o único objeto de estudo real é o texto empiricamente existente, o *ergon*, o produto, que é efêmero, mas passível de ser fixado de várias maneiras. Por outro lado, sempre, esse produto apresenta vestígios de sua criação, da atividade propriamente dita, da *enérgeia*, e das técnicas que levaram à sua criação, do *dynamis*.

Sobre esse objeto de estudo real, podemos enfatizar as lentes de interpretação em vários níveis de "profundidade" ou com diferentes "capacidade de resolução", e esses são os três principais níveis epistemológicos com as três disciplinas principais e, provavelmente, com suas subdisciplinas.

No entanto, não podemos esquecer o fato de que as unidades de sentido que encontramos na Linguística de texto não dá conta de todo o sentido do texto, a intuição do sentido que cada interpretante tem. Nós apenas procuramos vetores que guiam e dão impulso ao processo de construção de sentido. É por isso que eu disse ter enfatizado, no meu trabalho, que a Linguística de texto como hermenêutica do sentido é uma linguística da constituição do texto, que procura encontrar esses vetores que guiam a interpretação, não a interpretação do sentido total, que é algo que não dá para fazer apenas com as ferramentas da Linguística de Texto.

⁴ Uma aplicação dessas distinções à elaboração de uma tipologia textual integral pode ser encontrada em TĂMĂIANU (2001, p.31-34).

O intérprete, o linguista de texto como intérprete, persegue os vetores de sentido no nível máximo possível, que pode ser a Obra, todo o trabalho de um autor, e às vezes vai além do trabalho de um autor, como aconteceu com o poema de Ezra Pound: tivemos de ir até as relações evocativas do trabalho de outro poeta e outros textos. É claro que o nível mais alto possível são as circunstâncias históricas e culturais do próprio intérprete e as circunstâncias históricas e culturais do texto.

Ao fazer isso, o linguista está percorrendo o caminho da “linguística empática”. Esse é um termo introduzido, proposto por Johannes Kabatek (2012, 2014), e que podemos utilizar para enfatizar que o linguista deve agir como um intérprete máximo, um intérprete do mais alto grau. No nosso caso, um intérprete, um recriador, um observador de textos que visa ao mais alto grau possível nas suas circunstâncias.

Com isso, termino minha apresentação. Agradeço a todo(a)s, com uma imagem de Coseriu de há muito tempo (Agosto de 1998), eu mesma, meus colegas, em Cluj, Romênia, no nosso Centro de Estudos Integralistas:



Da esquerda para a direita: N. Neșu, E. Bojoga, C. Vlăcu, L. Lazăr, E. Coseriu, M. Borcilă, E. Tămăianu-Morita
(Foto do E. T.-M.)

Por fim, deixo as referências em que se pode encontrar uma lista de itens selecionados do que eu acho ser mais útil para a construção da Linguística de texto integral, tanto dos trabalhos do próprio Coseriu, como dos trabalhos de outros coserianos, e, finalmente, de

minhas próprias publicações que são diretamente relacionadas com o tópico dessa apresentação.

Agradecimento

Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa em Linguística de Texto, realizado como pesquisadora visitante na Universidade de Sevilha (Espanha), durante o ano acadêmico 2021/2022, e contou com o apoio de uma bolsa de pesquisa concedida pela Universidade de Kindai (Japão).

Referências

COSERIU, Eugenio. Determinación y entorno. Dos problemas de una lingüística del hablar. In: **Teoría del lenguaje y lingüística general. Cinco estudios**. Madrid: Gredos, 1962 [1955-1956]⁵, p. 282-323.

COSERIU, Eugenio. Significado y designación a la luz de la semántica estructural. In: **Principios de semántica estructural**, Madrid: Gredos, 1977 [1970], p. 185-209.

COSERIU, Eugenio. Tesis sobre el tema "lenguaje y poesía". In: **El hombre y su lenguaje. Estudios de teoría y metodología lingüística**. Madrid: Gredos, 1977 [1971], p. 201-207.

COSERIU, Eugenio. **Lezioni di linguistica generale**, Torino: Bollati Boringhieri, 1973. Versão revista em espanhol: *Lecciones de lingüística general*, Madrid: Gredos, 1981.

COSERIU, Eugenio. Lo erróneo y lo acertado en la teoría de la traducción. In: **El hombre y su lenguaje. Estudios de teoría y metodología lingüística**. Madrid: Gredos, 1977, pp. 214-239.

COSERIU, Eugenio. El estudio funcional del vocabulario (compendio de lexemática). In: **Gramática, semántica, universales. Estudios de lingüística funcional**, Madrid: Gredos, 1978 [1976], pp. 206-238.

COSERIU, Eugenio. **Textlinguistik. Eine Einführung**, Tübingen: Narr, 1981. Edição espanhola crítica por Óscar Loureda Lamas, *Lingüística del texto. Introducción a la hermenéutica del sentido*, Madrid: Arco Libros, 2007.

COSERIU, Eugenio. **Funktionelle Syntax**, (*Vorlesung, Sommersemester 1983, Nachschrift von Heinrich Weber*), Tübingen, 1984.

⁵ A fim de refletir a cronologia exata das ideias coserianas, para artigos recolhidos em volumes posteriores, o ano inicial de publicação é dado entre parênteses.

COSERIU, Eugenio. Acerca del sentido de la enseñanza de la lengua y literatura. In: **Innovación en la enseñanza de la lengua y la literatura**, Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia, 1987a, pp. 13-32.

COSERIU, Eugenio. Die Ausdruckslücke als Ausdrucksverfahren (Textlinguistische Übung zu einem Gedicht von Kavafis). In: **Stuttgarter Arbeiten zur Germanistik**, 189, "Sinnlichkeit in Bild und Klang". Festschrift für P. Hoffman zum 70. Geburtstag, 1987b, pp. 373-383.

COSERIU, Eugenio. **Sprachkompetenz. Grundzüge der Theorie des Sprechens**, Tübingen: Francke, 1988.

COSERIU, Eugenio. Principes de syntaxe fonctionnelle. **Travaux de linguistique et de philologie**, XXVII, Strasbourg-Nancy, 1989, pp. 5-46.

COSERIU, Eugenio. Sprachtheorie und Grammatik bei Sekiguchi. Estudio explicativo em **Sekiguchi, Tsugio, Deutsche Präpositionen. Studien zu ihrer Bedeutungsform**, Tübingen: Niemeyer, 1994, pp. 59-64.

KABATEK, Johannes. Intuición y empirismo. **Analecta Malacitana**, special issue «Eugenio Coseriu (1921-2002) en los comienzos del siglo XXI», 2012, pp. 99-115.

KABATEK, Johannes. Lingüística empática. **RILCE** (Revista del Instituto de Lengua y Cultura Españolas) 30 (3), 2014, pp. 705-723.

LÓPEZ SERENA, Araceli. 2012. Lo universal y lo histórico en el saber expresivo: variación situational vs. variación discursiva. **Analecta Malacitana**, special issue «Eugenio Coseriu (1921-2002) en los comienzos del siglo XXI», 2012, pp. 261-281.

LOUREDA LAMAS, Oscar. **Le texte selon Eugenio Coseriu: vers une linguistique du texte intégrale**, Colloque International Eugenio Coseriu, Aix-en-Provence, 17-19 sept. 2007.

TĂMÂIANU, Emma. **Fundamentele tipologiei textuale. O abordare în lumina lingvisticii integrale**, Cluj-Napoca: Clusium, 2001.

TĂMÂIANU-MORITA, Emma. **Integralismul în lingvistica japoneză. Dimensiuni - impact – perspective**, Cluj-Napoca: Clusium, 2002.

TĂMÂIANU-MORITA, Emma. The form of texts: possibilities and limitations of an «integral» text-typological model, **Energeia**, IV, 2012a, pp. 1-31.

TĂMÂIANU-MORITA, Emma. Rethinking Coseriu's Notion of 'Unit of Textual Meaning' (Sinneinheit)", **Analecta Malacitana**, special issue «Eugenio Coseriu (1921-2002) en los comienzos del siglo XXI», II, 2012b, pp. 187-206.

TĂMÂIANU-MORITA, Emma. What makes you say so? On the types of motivation in the domain of expressive competence, *Energieia*, V, Tübingen, 2013-2014, pp. 63-88.

TĂMÂIANU-MORITA, Emma. Towards a Definition of «Textual Constitution» in the Framework of Integral Linguistics. In: Bojoga, Eugenia / Boc, Oana / Vilcu, Cornel (eds.), *Coseriu: Perspectives contemporaines*, II, Cluj-Napoca: Presa Universitară Clujeană, 2014, pp. 130-145.

TĂMÂIANU-MORITA, Emma. On the «double semiotic relation» in discourse. *Journal of International Studies* (Kindai University), 1, 2016, pp. 153-179.

TĂMÂIANU-MORITA, Emma. Investigating text-typological knowledge as part of expressive competence: challenges and prospects. In: Gerda Hassler & Thomas Stehl (eds.), *Kompetenz – Funktion – Variation. Competencia – Función – Variación*. Linguistica Coseriana V, Frankfurt am Main: Peter Lang, 2017, pp. 243-259.

VLAD, Carmen & TĂMÂIANU, Emma. Numele propriu în dimensiunea sintactică a textului poetic. *Cercetări de lingvistică*, XXXV, 2, 1990, pp. 153-159.

Obras literárias citadas

POUND, Ezra. *Personae: The Shorter Poems of Ezra Pound*, Revised edition by Lea Baechler & A. Walton Litz. New York: New Directions Publishing, 1990.

WHITMAN, Walt. *Leaves of Grass* (A Norton critical edition), ed. by Sculley Bradley and Harold W. Blodgett, New York & London: Norton & Co, 1973.

ⁱ Doutora em Linguística Geral pela Faculdade de Letras da Universidade Babes-Bolyai, Cluj-Napoca, Romênia. Professora de Linguística na Faculdade de Estudos Internacionais da Universidade de Kindai, em Osaka, Japão, onde ministra cursos nas áreas de linguística contrastiva, comunicação intercultural e interpessoal, tradução (Japonês/Inglês), e semiótica cultural.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1556-854X>.

E-mail: emmorita@intl.kindai.ac.jp.

Recebido em 05/12/21
Aprovado em 12/12/21



Todo conteúdo da Revista Eutomia está sob a [Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).